A Missiologia de Romanos

Carlos González

Se perguntássemos aos crentes qual seria a carta mais doutrinária, o "prato forte" da teologia do Novo Testamento, quase sem dúvida todos pensariam na carta de Paulo aos Romanos. Se perguntássemos qual é a carta mais missiológica do Novo Testamento, o que responderiam?

Talvez alguns tenham dúvidas, ou nunca tenham pensado nessa pergunta, porém como tentaremos mostrar em seguida, Romanos a parte de ser uma carta de doutrina do Novo Testamento, é também a carta mais missiológica desta parte da Bíblia. Examinaremos resumidamente alguns aspectos missiológicos desta carta, e em seguida compartiremos algumas das implicações deste estudo.

O propósito

Paulo expõe o seu propósito, tanto no principio como no final da carta. Ele diz:

> *Não quero, porém irmãos, que ignoreis que muitas vezes me propus ir ter convosco... para conseguir entre vós algum fruto.*
>
> *Quando partir para Espanha irei ter convosco, pois espero que de passagem vos verei, e que para lá seja encaminhado por vós.*
>
> *Romanos 1: 13 - 15:24*

O propósito é claramente missionário. Paulo é um viajante, um pregador cuja meta é alcançar outros lugares, outras pessoas. Deus lhe chamou a pregar entre os gentios e o apóstolo não se conforma com menos que isso, ainda que isso signifique viajar muito e mesmo que seja até a última fronteira, a oeste do Império Romano, ou seja, a Espanha.

Por que foi escrita a carta aos Romanos? Paulo avisa aos crentes da capital do império sobre a sua chegada. De fato, varias vezes tentou viajar a Roma e foi impedido, porém agora se apresentava a oportunidade, e não foi só isso, senão que, lhes antecipou que não ficaria sempre em Roma: Contava com o apoio deles para seguir viajando, seguir "missionando".

Carlos González tem dedicado 37 anos na implantação de novas igrejas, primeiro na Espanha e, nos últimos 15 anos, no mundo islâmico. Ele está vinculado ao PM Internacional desde 1986. É espanhol e diretor de Missiopédia.

Traductor: Rogerio Carvalho.

© 2009 Misiopedia de la edición portuguesa.

O propósito da carta aos Romanos é missionário – fazer missão e seguir fazendo missões. Está claro também, que Paulo quer descrever ordenadamente o processo da redenção cristã e do lugar de Israel e dos gentios no plano divino, e por isso Romanos é um monumento teológico, porém não podemos passar por encima da declaração de intenção que o próprio autor nos mostra, como para recordar aos destinatários qual é a sua intenção primordial nessa carta.

O supremo ministério

O ministério mais amplo é o que abrange a todos os demais ministérios, ou seja, a tarefa e meta global do plano de Deus. É sintomático que Paulo repita no início e final da carta do que se trata este ministério:

> *Jesus Cristo, nosso, Senhor, pelo qual recebemos a graça e o apostolado, por amor do seu nome... mas foi dado a conhecer pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações para obediência da fé.*
> *Romanos 1:5; 16:26*

O propósito de Deus em sua missão envolve a todas as nações, a todas as etnias e a todas as idades.

Esse é o quadro, o supremo ministério no qual se encaixam todos os ministérios particulares – Cristo dado a conhecer a todas as nações. O propósito de Deus sempre abarcou a todas as nações e Paulo não se conforma com menos que isso. O alcance é mundial, supera aos judeus e supera aos gentios. O propósito de Deus em sua missão envolve a todas as nações, a todas as etnias e a todas as idades.

Este ministério tem conseqüências para o próprio apóstolo. Afeta a identidade de Paulo, ou seja, como ele se vê a si mesmo e qual é a sua identidade nesse supremo ministério.

Conta-se que o rei da França foi visitar as obras da construção da catedral de Notre Dame de Paris. Percorrendo o ruidoso campo de obra, perguntou a um pedreiro que estava trabalhando com pedras para a construção da igreja: “Que estás fazendo bom homem? Este lhe respondeu: “É evidente, Majestade: trabalho com a pedra”. Perguntando o mesmo, ao companheiro que trabalhava junto a ele, este lhe respondeu: “Contribuo para construir a grande catedral da França, Majestade”.

Tudo é uma questão de perspectiva. Que diferente apreciação de valor e de propósito tinham estes dois trabalhadores!

O primeiro deles não conseguia visualizar o alcance da construção e por isso mesmo não tinha uma correta apreciação de si mesmo, enquanto que o segundo sabia quem era, qual era seu valor e como encaixava seu duro trabalho diário como um dos muitos outros trabalhadores. Via seu “presente” com uma olhada ao “futuro”.

Paulo sabia qual era a meta suprema, o grande quebra-cabeça de Deus, e sabia aonde ele se encaixava como peça nesse grande quadro: “Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado a ser apóstolo... contribuo a obediência e a fé a todas as nações. Outros são profetas, maestros e pastores”, pensa Paulo. “Eu plantei, Apolo regou, porém todos encontramos a razão de ser, nosso “norte” nesse supremo ministério. Sei quem sou e qual é o

meu lugar em relação ao supremo ministério que Deus encomendou-nos".

Eu posso dizer isso? Você pode dizê-lo? Talvez tenhamos escutado varias vezes: "Meu ministério", "meu trabalho", "meu chamado", sem localizar-nos na correta perspectiva global do propósito de Deus na missão cristã.

Onde começa a missiologia

Façamos um parêntesis e saíamos de Romanos por um instante, para perguntar-nos onde e quando começa a missiologia.

Esta percepção nos ajudará a ressaltar o propósito perene de Deus no seu "fazer" missionário.

Para responder a esta pergunta, devemos remontar-nos ao Éden para ouvir a Deus dizer: "Multiplicai-vos, enchei a terra" (Gênesis 1:28). A imagem e a glória de Deus não podiam ficar limitadas geograficamente a um pequeno território; a glória de Deus devia estender-se por toda a terra.

"Enchei a terra" é a ordem do Senhor. É muito sintomático que a primeira instrução de Deus ao homem em relação à tarefa missionária, se produza antes da caída. Não pensemos que os planos de Deus saíram mal e que depois do fracasso da caída do homem, ele teve que desenhar um "plano B". A eleição, a história da salvação, a encarnação e o sacrifício do seu Filho (a missão), já estavam no coração de Deus antes de todos os séculos.

Seguindo a linha missionária, vamos até Abrão, quem foi chamado por alguns como o primeiro missionário: "Sai da tua terra... para a terra que te mostrarei" (Gênesis 12:1-3).

Deus teve esse afã viageiro para muitos dos seus servos.

Damos um passo mais e perguntamo-nos: Viajar para que? O relato de Abrão centra-nos no desejo de Deus. A promessa repetida de Deus a Abrão é: "Em ti serão benditas todas as famílias da terra". A missão de Deus alcança a todas as nações, a todos os povos.

Vamos rapidamente aos Salmos e as referências às nações encontradas aí nos transbordam. Perdemos a conta de quantas vezes se disse: "Te louvarei entre todos os povos"; "Povos todos batei as mãos"; "Louvai a Jeová, todas as nações e todos os povos louvem". É quase impossível ler os Salmos e não se dar conta do interesse de Deus por toda a terra. Contudo, muitas vezes, pensamos que Deus se ocupa só do seu povo.

Sigamos o fio condutor missionário que percorre todas as Escrituras e pulemos rapidamente a Isaías, o mais universal dos profetas. Outra vez vemos o interesse de Deus pelas nações.

Encontramos ali profecias para Tiro, Sidom, Filisteia, Babilônia e para os reis, como demonstração do senhorio universal de Deus.

Só estamos vendo rapidamente, algumas das mais significativas referencias do interesse de Deus pelas nações, sua comissão ao seu povo e seus profetas como canais de bênção (instrumentos de missão) aos povos da terra. Descobrimos que o supremo ministério, aquele que aglomera a todos os demais, não é outra coisa que a missão de Deus.

Este parêntese ajuda-nos a situar o ministério de Paulo assim como a sua própria identidade. O apóstolo é parte do supremo ministério – Cristo a todas as nações – o qual a sua vez se encaixa com a missão cósmica de Deus para com o universo e a história.

A grande pergunta

A carta aos Romanos formula-nos a grande pergunta: Aqueles que nunca ouviram, as pessoas sinceras e honestas que nos lugares mais distantes não tiveram a oportunidade de receber a mensagem do Evangelho, estão realmente perdidas?

Com uma lógica latente, Paulo mostra-nos no capítulo 1, que tanto o ateu militante como o agnóstico ou o habitante do canto mais recôndito da terra, estão igualmente perdidos.

No capítulo 2, Paulo afirma que o homem moral, o que vive segundo os princípios éticos ou o religioso de qualquer religião, também está perdido. Finalmente, no capítulo 3, vemos que o israelita circuncidado, que tem a revelação divina, porém que não cumpre a lei de Moisés está igualmente perdido.

Não tem diferença, todos os seres humanos estão perdidos: “Não há um justo, nem um sequer; não há ninguém que busque a Deus” (Rm. 3:10-11). Também não há diferença na salvação. Somente em Jesus Cristo a encontramos: “Em nenhum outro há salvação, pois também debaixo do céu, nenhum outro nome há dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” (Atos 4:12).

A estratégia missionária

Na carta aos Romanos, não somente descobrimos o propósito missionário, o supremo ministério que engloba a todos os demais, a grande pergunta, senão que também encontramos a estratégia missionária do apóstolo Paulo. O texto de 15:20 nos diz:

> *Desta maneira esforcei-me para anunciar o evangelho, não onde Cristo já fora nomeado, para não edificar sobre fundamento alheio.*

Claramente a estratégia de Paulo se enfoca nos não alcançados. Aqueles que nunca tiveram a oportunidade de ouvir do evangelho. É certo que havia muita necessidade em Macedônia, Grécia, Ásia Menor e em outros muitos lugares, porém a Paulo lhe fervia o sangue pensando naqueles, aos quais ninguém havia ido levar a mensagem de Jesus Cristo. E ainda hoje esse assunto segue pendente no movimento missionário.

No ano 1996, somente uns 2% dos missionários protestantes, estavam

servindo na chamada janela 10/40; e no ano 2000 somente 1% do dinheiro investido em missões foi destinado a grupos não alcançados. Paremos um pouco para reflexionar sobre quanto dos nossos ingressos, do nosso tempo de oração ou do da nossa igreja e família, ou quanto da nossa energia está sendo dedicado aos não alcançados.

A autoridade missionária

Encontramos uma indicação a respeito em um fragmento bem conhecido (Rm 10:14-15). Paulo planteia uma série de perguntas que vão se apoiando umas nas outras, como os degraus de uma escada. "Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram? E como ouvirão se não há quem pregue?" E o último degrau da escada, sobre o qual recai toda a força do argumento, é este: "E como pregarão se não forem enviados?"

A autoridade do pregador, do missionário, consiste em quem o envia.

A autoridade do pregador, do missionário, consiste em quem o envia. Paulo e Barnabé saíram de Antioquia enviados pela igreja local e pelo grupo de anciãos. Nesta passagem, Paulo está apelando ao evidente, ao que todos entendem e aceitam: É preciso enviar. Parece que nos nossos tempos isso não está tão claro, pelo fato de que existem muitos correndo e pregando sem serem enviados por um líder. Eles são as fontes de autoridades para eles mesmos.

Deus está te chamando ao trabalho missionário, ou a servir em qualquer outro ministério? Preocupe-se por ser enviado!

Vice-versa: Perguntemo-nos: Somos uma igreja, uma família enviadora?

Os recursos missionários

Lemos em 15:24:

> *quando partir para a Espanha irei ter convosco, pois espero que de passagem vos verei, e que para lá seja encaminhado por vós, depois de ter desfrutando um pouco a vossa companhia.*

Encaminhado. "Que me ajudeis a continuar a minha viagem", segundo a Versão Popular. "Que significa encaminhar? Podíamos chamar-lo de "a logística dos irmãos".

Paulo está dizendo: "Espero que me alenteis a seguir a viagem, que contribuais aos gastos, e que alguns dos vossos obreiros se unam ao meu grupo missionário, assim como ocorreu em Antioquia, em Listra e em outros lugares". Em outras palavras: "Conto com vocês para prosseguir o trabalho missionário".

Isto é trabalho em equipe: Uns enviam e outros são enviados. Uns saem a pregar e outros ficam atrás orando e apoiando. Tem muitas peças que atender nesse grande quebra-cabeça missionário, e todos fazemos parte desta grande equipe. Todos colaboramos para uma só missão global.

Esta é a logística dos irmãos.

A missão transcultural

Vimos o propósito missionário da carta aos Romanos, o supremo ministério que engloba a todos os demais, a grande pergunta, a estratégia, a autoridade missionária dos enviados e os recursos missionários. Finalmente, dediquemos uns instantes ao que chamamos "missão transcultural".

Paulo nos diz: "A fim de ser ministro de Cristo entre os gentios..." (Rm 15:16). Por regra geral, é mais comum e fácil que um romano ganhe a outro romano, e que um espanhol pregue a outro espanhol, sem saltar as barreiras lingüísticas e culturais. Não obstante, aqui encontramos a um judeu discipulando aos gentios. "Fiz-me tudo para com todos, para por todos os meios chegar a ganhar alguns". Este é um considerado salto de cultura, um esforço acrescentado à obra missionária.

Descobrimos que, ao longo dos séculos, Deus quis chamar a alguns e enviar-los a outras etnias. É parte do seu plano e da sua estratégia para os não alcançados. Isto representa um salto qualificativo e importante entre a evangelização (doméstica, na mesma cultura da pessoa) e o que chamamos nos dias de hoje de "missão transcultural".

A Bíblia descreve o mesmo processo falando de outro assunto: A encarnação. Este é o caminho que o Filho Eterno recorreu para chegar até nós, Ele deixou o que era seu (glória e céu), para adaptar-se completamente ao que era nosso. Foi verdadeiramente homem, absolutamente igual a nós, porém sem pecado. E ainda mais: Nasceu, cresceu e se comunicou nos patrões culturais judeus do primeiro século. É o exemplo supremo que devemos seguir para ganhar a alguns. É a verdadeira encarnação.

Conclusão

Esperamos que do mesmo modo, como procuramos aplicar as verdades soteriológicas, éticas e eclesiológicas da carta aos Romanos nas nossas vidas, assim também possamos reflexionar e aplicar sua missiologia às nossas vidas, famílias e igrejas.